

# Plano Preventivo

*Pensar na emergência é uma forma de prevenção*

► Cosmo Palásio

É uma pena que muita gente ainda pense que prevenção seja aquele conjuntinho de meia dúzia de mági- cas que vemos, boa parte das vezes, sendo usado na tentativa de convencer empregadores e trabalhadores a cumprirem alguma forma de norma para que tudo corra bem. A prevenção é muito mais do que isso.

Um dia desses, quando fazia uma palestra em uma cidade do interior de São Paulo, mencionei em dado momento que, pensar na emergência, também é fazer prevenção. Não demorou muito para que um colega fosse logo questionando já que, na forma de ver da maioria das pessoas, só é prevenção aquilo que ocorre antes do acidente.

Foi preciso então abrir um pequeno espaço para lembrar que a minimização das conseqüências é uma parte importante para todos diante de um acidente como a amputação de um dedo, por exemplo. O que será feito para que o dano maior seja evitado é do interesse do trabalhador lesionado e também da organização na qual ele atua. Aos poucos, todos foram entendendo a idéia da coisa: se temos ações planejadas para evitar que um acidente ocorra, de forma alguma, quer dizer que elas serão sempre efetivas – especialmente se em algum momento eles dependem apenas da ação humana. Assim sendo, devemos trabalhar com a possibilidade do acidente e pensar no que faremos se ele vier a ocorrer.

Este termo “se ele vier a ocorrer”, em certas atividades, é sempre uma possibilidade muito próxima. Tomemos como exemplo a realização do trabalho em altura onde, na maioria dos casos, a prevenção durante a realização da atividade está no uso do cinto de segurança, que pode impedir a queda livre das pessoas mas que



não impede um tropeção, um mal estar, etc. Nestes casos, é preciso sempre ter em mente o que será feito para a remoção do trabalhador que ficará pendurado. Olhem bem por aí e verão que raramente esta preocupação ou ação é levada em conta.

Um outro exemplo claro, diz respeito às operações com alguns tipos de máquinas e a possibilidade de perdas de dedos. É evidente que onde existem máquinas esta possibilidade – seja maior ou seja menor – vai sempre existir. Nestas organizações deve haver um plano formalizado para esse tipo de emergência que defina o que será feito para que as conseqüências sejam minimizadas. Na verdade, muitos daqueles que hoje estão mutilados poderiam ter tido outra sorte se esse plano fosse levado em conta. Isso, na prática, quer dizer menos sofrimento para os trabalhadores e menos problemas para as organizações.

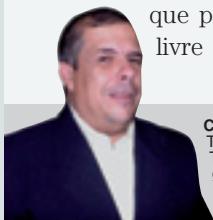
## FORMALIDADE

Por conta da exigência de algumas companhias com sistemas de gestão mais elaborados (requisito 4.4.7 OHSAS) ou ainda pela idéia de que simplesmente elaborar

um Plano para Emergência já é fazer prevenção – temos encontrado em algumas organizações alguma coisa neste sentido. O grande problema é que boa parte disso não passa de formalidade e aqui se repetem os mesmos erros encontrados em programas, procedimentos e outras coisas de nossa área – muito texto e pouca possibilidade prática. Parece que tudo foi lembrado menos que, a eficácia daquele planejamento fará a diferença entre a vida e a morte e entre a mutilação ou não de uma pessoa. O planejamento para o atendimento de uma emergência deve ser, pelo menos, realista.

Para aqueles que desejam adotar isso recomendamos a leitura do requisito Prontidão e Resposta a Emergências da OHSAS 18001. E que, a partir disso, avancem no conceito da minimização, começando pela identificação das possíveis situações de emergência. Conhecendo esta realidade, passando então a pensar em como e o que pode ser feito para diminuir os danos ou a gravidade de cada uma das ocorrências. Isso não quer dizer apenas escrever, mas trabalhar análises quanto à disponibilidade de recursos, sejam eles internos ou externos – o que pode ser uma maca adequada para o primeiro caso e um hospital especializado para o segundo.

Obviamente que muitos logo dirão que isso esbarra em custos e que, portanto, a experiência demonstra que não, já que com um pouco de planejamento e aplicação de soluções inteligentes podemos, por exemplo, treinar a Brigada de Incêndio para os principais cenários que temos, formalizar com o setor de RH que, em caso de acidentes com mutilação, as remoções sejam feitas para hospitais com mais capacidade para este tipo de atendimento, etc. Mesmo que não consigamos chegar ao ideal, com certeza um pouco mais de organização e visão não fará mal a ninguém.



**Cosmo Palásio de Moraes Jr.** - Técnico de Segurança do Trabalho e coordenador do e-group SESMT  
cpalasio3214@uol.com.br  
www.cpsol.com.br

**NOTA:** Se você deseja aprofundar seu conhecimento a respeito do assunto não deixe de consultar a revista *Emergência*, ([www.revistaemergencia.com.br](http://www.revistaemergencia.com.br)), publicação especializada da Proteção Publicações e Eventos.